

Estilhaços da guerra na obra de Lobo Antunes e de Pepetela

Cláudia Amorim (UERJ)

Resumo

Este trabalho desenvolve uma reflexão acerca de três romances de Lobo Antunes e um romance de Pepetela que tratam da Guerra Colonial (1961-1974). A guerra de Angola suscita na trajetória dos personagens desses romances um encontro com outras guerras que, paralelamente àquela, ganham relevância nessas ocasiões de grande conflito ou nos momentos imediatamente posteriores a eles e acabam por provocar o encontro dos mesmos com a morte, seja a morte do sujeito deseante, seja a morte propriamente dita.

Palavras-chave: guerra colonial, sujeito, desejo e morte.

Resumen

Este trabajo desarrolla una reflexión sobre tres novelas de Lobo Antunes e una novela de Pepetela que tratan de la Guerra Colonial (1961-1974). La guerra de Angola suscita en la trayectoria de los personajes de estas novelas un encuentro con otras guerras que, paralelamente a aquella, adquieren relevancia en esas ocasiones de gran conflicto o en los momentos inmediatamente posteriores a ellos y acaban provocando el encuentro de los mismos con la muerte, sea la muerte del sujeto deseante, sea la muerte propriamente dicha.

Palabras clave: guerra colonial, sujeto, deseo y muerte.

No mar tanta tormenta e tanto dano,

Tantas vezes a morte apercebida;

Na terra tanta guerra, tanto engano,

Tanta necessidade avorrecida!

(...)

(*Camões, Os lusíadas, Canto I, estrofe 106*).

Em Janeiro de 1961, em Angola, oficiais portugueses reprimem com energia os motins que abalam a região algodoeira da Baixa do Cassange (Distrito de Malanje) no norte do país. No dia 04 de Fevereiro do mesmo ano, integrantes do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) investem contra a prisão de Luanda, a fim de libertar prisioneiros políticos, entre os quais se encontram alguns líderes do MPLA, movimento criado por volta de 1956 por intelectuais angolanos.

Por fim, em Março, integrantes da UPA (União das Populações de Angola) realizam sangrentos ataques contra colonos portugueses nos Dembos (distritos de Luanda e do Cuanza Norte), na região norte de Angola. O governo de Salazar responde aos ataques enviando tropas para Angola, a fim de extirpar “rapidamente e em força” os motins. É o início da Guerra Colonial.

Na esteira do movimento angolano, a luta armada pela independência das colônias irrompeu igualmente em Moçambique e na Guiné-Bissau (antiga Guiné Portuguesa). Os arquipélagos de Cabo Verde e de São Tomé e Príncipe, embora sem movimento armado, intensificaram a luta pela independência pela via diplomática.

Nos treze anos seguintes, a guerra sangrenta entre Portugal e as então colônias na África mobilizou milhares de jovens portugueses, angolanos, moçambicanos, guineenses, cabo-verdianos e santomenses que, voluntária ou involuntariamente, participaram dos conflitos armados. A continuidade da guerra, estendida até 1974, tornou-se um dos fatores que precipitou inclusive o fim da ditadura de Salazar / Caetano que durante quase meio século (48 anos) dominou o cenário político português. A Revolução dos Cravos, ocorrida a 25 de Abril desse ano, liquidou a ditadura em Portugal, propiciando o cessar fogo imediato nas colônias e abriu caminho para a consolidação da independência dos países africanos outrora colonizados pelos portugueses.

Assim, após cinco séculos de dominação portuguesa, surgem então as nações independentes de Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo-Verde e São Tomé e Príncipe. As novas nações adotaram a língua portuguesa como língua oficial, constituindo então na África os cinco países dos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa).

A Guerra Colonial (1961-1974) pôs fim de forma dramática à ocupação portuguesa no território africano iniciada ainda no século XV. Portugal foi a primeira nação européia a ocupar a África e uma das últimas a deixá-la no século XX, após a malograda guerra contra os movimentos independentistas africanos. Como lembra Eduardo Lourenço, a história dessa guerra ainda está por ser escrita, já que logo após a Revolução dos Cravos e a independência dos cinco países africanos de língua portuguesa, um constrangedor silêncio tomou conta de certa parcela da intelectualidade não só portuguesa, como também africana.

Finda a guerra, foram os escritores e os poetas os primeiros a se pronunciarem a respeito desse acontecimento. Muitos deles da guerra participaram e fizeram de suas experiências matéria literária. Entre esses, encontramos o português António Lobo Antunes e o angolano Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, mais conhecido como Pepetela que quer dizer pestana, em umbundo (uma das línguas bantas da região central de Angola).

Lobo Antunes e Pepetela focalizaram, em suas primeiras obras, a experiência do sujeito na guerra em Angola. Ambos estiveram nos campos de batalha na região norte desse país, lutaram em lados opostos, retornaram vivos dessa guerra e sobre essa experiência escreveram. Suas obras ultrapassam o mero relato memorialístico dos campos de batalha. Elas se afinam com o que de melhor se tem produzido nas literaturas de língua portuguesa.

Ao confrontar um discurso português e um discurso angolano sobre a Guerra Colonial, mais precisamente sobre a guerra em Angola, a partir dos romances que compõem a chamada trilogia de guerra de Antunes: *Memória de elefante* (1979), *Os cus de Judas* (1979) e *Conhecimento do Inferno* (1980) e de *Mayombe* (1980), de Pepetela — lançados praticamente na mesma época —, encontramos discursos nos quais a guerra comparece seja como um questionamento — como na trilogia de Antunes —, seja como um acontecimento necessário e desejado — como no romance *Mayombe*, de Pepetela. Ou seja: se na trilogia de guerra de Antunes, o ex-combatente português, tendo involuntariamente participado de uma guerra sangrenta, ao retornar a seu país parece formular continuamente uma pergunta que fica sem resposta: Por que a guerra?, em *Mayombe*, de Pepetela, vislumbrávamos no discurso do Comandante Sem Medo uma possível resposta à necessidade dessa guerra: Portanto, a guerra. E ela não poderia ser diferente para o povo

angolano, tão massacrado por séculos de dominação portuguesa.

Ao tratarem da experiência do sujeito na guerra, logicamente os referidos romances enfocavam o traumático encontro do sujeito com a violência e a morte, sendo esse último encontro uma das maneiras pelas quais o homem esbarra no real indizível, conforme postula o psicanalista francês Jacques Lacan.

Real, simbólico e imaginário são os três registros heterogêneos que compõem a estrutura psíquica do homem. Ao reler a obra de Sigmund Freud, Lacan cria esses conceitos, pois acredita que esses lançam novas luzes sobre as reflexões freudianas. Para o psicanalista francês, o real é o vazio sobre o qual o homem nada sabe. Ele, o real, se apresenta como um furo no discurso, resistindo a toda e qualquer simbolização. Já no Seminário 1- Os escritos técnicos de Freud, Lacan diferencia real de realidade. A realidade é sempre fundada por um discurso, enquanto o real, para a psicanálise, é da ordem do impossível. O simbólico representa o campo da linguagem. Assim, se só o homem fala, só a espécie humana possui inscrição no simbólico (reino das palavras, dos símbolos). O imaginário é, para a psicanálise, o campo dos sentidos formulados pelo simbólico. Nele se acha inscrito um furo que será preenchido pelo discurso do Outro.

O poeta francês Alexandre Arnoux, ao falar da guerra, afirmou que ela é a forma coletiva e violenta da conversa. E se a conversa é coletiva e violenta, ninguém se escuta, não há palavras. Se faltam palavras, o corpo fala, desembocando, nesse caso, no embate corpo-a-corpo. A guerra, então, traduz a ausência de palavras (de entendimento) entre os homens (falha do campo simbólico) enquanto os obriga a se confrontarem a todo o momento com o real da morte.

Os personagens dos referidos romances, além de formularem perguntas sobre o porquê da guerra — como no caso do médico da trilogia de guerra de Antunes — ou respostas sobre a validade dessa guerra contra o colonizador — como no caso do Comandante Sem Medo, de Mayombe (Pepetela), tais personagens, em suas trajetórias pessoais revelavam as outras “guerras” que podem emergir no convívio entre os homens quando entra em cena o desejo. Essas últimas parecem se potencializar quando os homens estão inseridos em grandes conflitos bélicos ou após terem vivenciado essa terrível experiência.

Em Memória de elefante, o primeiro romance da trilogia de guerra de Antunes, acompanhamos a trajetória do personagem-narrador que, após ter servido ao exército português, retorna a Lisboa, assume suas funções como médico psiquiatra no Hospital Miguel Bombarda e, constantemente sozinho, passa a questionar sua prática médica, a lamentar a solidão em que se encontra e o vazio em que sua vida se tornou desde que retornou da África.

Esse romance focaliza os acontecimentos ocorridos em um único dia na vida do médico psiquiatra quando está em Lisboa. No decorrer desse dia, enquanto cumpre seus compromissos, ele passa em revista os acontecimentos que protagonizou ou presenciou em Angola, enquanto questiona os limites da medicina psiquiátrica no tratamento dos doentes mentais. Paralelamente à memória da guerra e aos questionamentos à psiquiatria, lembra-se do tempo em que vivia com a mulher e as filhas, das quais se encontra distante.

Marcado pela angústia, que o acompanha do início ao fim do romance, o personagem se lembrará várias vezes da guerra em Angola. O tema virá à tona nos breves diálogos que o personagem mantém com os funcionários do Hospital e com as pessoas que encontra no decorrer do dia. O personagem, no entanto, está só e parece sempre à procura de alguém que o escute.

Enquanto se desloca do Hospital ao consultório do dentista, depois ao restaurante para encontrar um amigo e ainda ao consultório de psicanálise onde é paciente, o personagem inicia uma fala que não apresenta continuidade. Suas questões não se verbalizam e, ao final do romance, ele se ancora na posição de ouvinte para escutar sem muito interesse o que Dóri, a prostituta com quem termina a noite, repete sem cessar. Neste

romance, o personagem se cala, ancorando-se no lugar de ouvinte e nas poucas vezes em que esboça uma fala na direção de alguém, acaba por ser repetitivo em suas queixas contra a solidão, a guerra e a medicina psiquiátrica, configurando o que Lacan definiu como automatismo de repetição.

No romance seguinte (*Os cus de Judas*), como um fio que teima em se desenrolar, o personagem-narrador está num bar lisboeta na companhia de uma mulher desconhecida e nesse momento inicia uma longa fala que só termina na aurora do dia seguinte no seu apartamento. Tendo encontrado uma interlocutora, da qual nada sabe e que não se faz ouvir, o personagem rememora os dois anos que passou em Angola, narrando-lhe de forma não-linear a “dolorosa aprendizagem da agonia”. Falar torna-se para o personagem uma necessidade vital. E o cerne de sua fala são as lembranças da guerra em Angola, mas também alude ao casamento desfeito e ao vazio em que sua vida se encontra desde que retornou da África.

Procurando entender o porquê da guerra pela via da razão, quanto mais o personagem fala, mas percebe que faltam palavras que expliquem o seu horror diante dessa traumática experiência. Para o personagem, há algo que resvala, há algo que ele não consegue entender. Assim, o real comparece como aquilo sobre o qual não se pode dizer, pois faltam palavras (significantes). Instaure-se, portanto, uma falha na sua tentativa de entender as razões da guerra e da morte. No entanto, o sujeito prossegue seu discurso, levado pela necessidade imperiosa de atribuir um sentido ao que se passou. A recordação e a elaboração se fazem presentes, para que velhas metáforas sejam desfeitas e outros sentidos possam ser produzidos. É preciso, pois, recordar e elaborar, para não repetir, conforme atesta Freud no conhecido ensaio *Recordar, repetir, elaborar*.

Os traumas desse sujeito que viu a morte, a mutilação e o desespero de perto ainda não foram simbolizados porque faltam palavras, mas a necessidade de falar para desfazer a angústia movimenta o personagem. Está em curso uma elaboração sobre os dias vividos e o personagem se dirige a uma pessoa que o escuta. Porém, sem a intervenção de um psicanalista para pontuar esta fala, o sujeito não se dá conta do que diz.

A noite é breve e o longo relato do sujeito vai chegando ao final quando a aurora começa a despontar. O encontro com a desconhecida que o escutou termina quando ela se retira de seu apartamento. Novamente só, sem ter alguém que lhe escute, o sujeito declara à mulher um pouco antes de ela sair que não sabe se iniciará a rotina da casa (lavar a louça, abrir as janelas) ou se voltará para a cama e puxará os lençóis por sobre os olhos. A vida prossegue e o sujeito tem de se deparar novamente ora com sua angústia, ora com sua melancolia. Usamos o termo angústia como Lacan o define: o real invadindo o imaginário sem a suplência do simbólico.

No romance seguinte, *Conhecimento do inferno*, o personagem inicia solitariamente uma viagem do Algarve a Lisboa. Ao volante de seu carro, pela estrada, como Álvaro de Campos, percorre seu caminho, deixando para trás algumas referências. O tempo de duração da viagem – da tarde de um dia até a manhã de outro, passando pela madrugada – é tempo de passagem e de recordação.

Durante o trajeto, o personagem volta a tecer violentas críticas ao Hospital Miguel Bombarda, onde trabalha, e à psiquiatria. Em vários momentos, observa que se sente no hospital psiquiátrico como se sentira na guerra, ou seja, angustiado perante as obrigações e os deveres, dos quais não consegue se desvencilhar. Diante desse drama, só lhe resta a resignação, pois, para o personagem, assistir aos doentes e tentar curá-los com os métodos da psiquiatria é o mesmo que, em meio à guerra, aceitar a espingarda para aniquilar vidas.

Nesse romance, o personagem associa as imagens da guerra à sua experiência como médico no hospital, criticando continuamente as teorias científicas dos manuais de psiquiatria. Entretanto, todo esse questionamento não se verbaliza. E à medida que o personagem se cala, as imagens da guerra e do cotidiano no hospital se misturam, fazendo com que o personagem imagine que está em vias de enlouquecer.

A sua viagem até Lisboa ratifica a sua opção de retomar a rotina do hospital, mesmo que esse não seja o seu desejo. Nesse momento, lembra-se de episódios extremamente violentos vividos na guerra. A violência desses episódios se coaduna com a maneira agressiva com que o personagem se expressa. Nesse terceiro romance da trilogia, o personagem desistiu de endereçar sua fala a alguém. O processo de elaboração, que parecia ter começado em Memória de elefante e ter ganhado força em Os cus de Judas, se desfaz em Conhecimento do inferno em função da resistência do sujeito. O que poderia significar uma viagem de libertação resulta em recalque do desejo.

Ao final do romance, no meio da madrugada, o personagem desvia-se de seu destino final, dirigindo-se à casa dos pais, na Praia das Maças, onde costumava passar as férias quando menino. Sozinho na casa da infância, o personagem está aparentemente tranqüilo, mas em sua fala tudo remete à morte. Ao se deitar, começa a ter alucinações e antes de dormir vê a imagem do pai estendendo o lençol por sobre o seu corpo, como se fosse um sudário. O personagem simbolicamente desiste de lutar e seu corpo será envolvido em uma mortalha pelo pai.

Os três primeiros romances de Antunes nascem um de dentro do outro. Estão enredados num discurso que constitui uma elaboração dos traumas da guerra vividos pelo personagem principal. No entanto, algo está emperrado, e o personagem não consegue seguir adiante. O que vai se configurando na trajetória do personagem é a presença de outras guerras que têm de travar continuamente, mesmo após ter retornado a seu país depois de passar dois anos em Angola. O personagem da trilogia de guerra de Antunes vive um impasse no qual não há saída senão a guerra, o que significa matar ou morrer. Mas que guerra é essa que o paralisa?

Sua angústia não advém somente da guerra pela qual passou. Ao retornar de Angola e iniciar seu trabalho como médico no hospital psiquiátrico, o personagem vive um impasse para a qual não encontra solução: a guerra contra a psiquiatria, contra o sistema, contra a solidão. Cada vez mais melancólico, o sujeito não mais reage e goza com o próprio sofrimento. É a morte do sujeito desejante.

O romance Mayombe, de Pepetela, coloca em cena a guerra propriamente dita. Nele, acompanhamos as trajetórias de um grupo de guerrilheiros que se encontram na floresta de Mayombe, em Cabinda (enclave angolano entre a República do Congo e a República Democrática do Congo) enquanto se preparam para atacar o inimigo português. Entre os guerrilheiros, destaca-se o Comandante Sem Medo que é responsável, juntamente com o Comissário Político e o Chefe das Operações, pela estratégia de guerra da base guerrilheira.

Nesse romance, vários personagens assumem a narração e quando o fazem acabam por revelar um pouco de suas histórias pessoais, além de apresentarem suas versões e expectativas sobre a guerra. A diversidade caracteriza esse grupo de guerrilheiros, dividido pelas inúmeras etnias que compõem a sociedade angolana. O Comandante Sem Medo é o único que não faz qualquer narração no romance, mas é o que mais se expõe à medida que, em suas contínuas conversas com João (o Comissário Político), revela sua história pessoal e suas opiniões acerca da guerra e de um novo tempo que se pretende instaurar. Sem Medo se engaja na luta pela independência, mas não tem de modo algum uma visão ingênua sobre a sociedade que se

formará após uma possível vitória da causa angolana. Experiente, Sem Medo percebe que aquilo que move os homens que se inserem na guerra nem sempre está associado à defesa da liberdade. Embora crítico, Sem Medo não hesita em travar sua luta contra o colonizador, pois acredita que para mudar o estado de coisas não há outra saída.

João, mais novo que Sem Medo, acaba por desenvolver uma grande admiração pelo Comandante, a quem considera como um pai. Como todo reconhecimento não é uma via de mão única, Sem Medo assume, em seu relacionamento com João, esse lugar de pai e muitas vezes dirige-se ao Comissário tratando-o pela alcunha de “miúdo”. A estreita amizade entre Sem Medo e João acaba por caracterizar o que Jacques Lacan definiu como sendo o transitivismo. Ou seja: as relações especulares – próprias do campo imaginário – entre os dois dirigentes da base guerrilheira não impõem limites entre o que pertence ao corpo do eu e o que pertence ao corpo do outro. Esse transitivismo entre João e Sem Medo acaba por propiciar mais adiante o rompimento entre os dois antigos amigos e, tomado por uma agressividade crescente em razão de uma decepção que tem com o Comandante, João começa a rivalizar com seu “pai”.

Nessa narrativa, em meio à guerra contra os portugueses, outras guerras têm lugar, emergindo entre os homens quando entra em cena o desejo. Potencializadas pelas condições adversas em que os guerrilheiros se encontram, as guerras cotidianas – guerra de prestígio, guerra étnica – vão ofuscando pelo menos por alguns momentos a guerra pela independência. Sem Medo tem ciência desses conflitos quando, em suas conversas com João e depois com Ondina, revela um certo ceticismo em relação à luta que travam.

No entanto, Sem Medo prossegue sua luta, procurando ignorar esses sinais. Em uma das conversas com Ondina, fala-lhe de um desejo de infância de ultrapassar seu lado humano, tornando-se Deus ou um herói mítico. Além disso, acaba por revelar em algumas de suas conversas o quanto se sente afetado por alguns problemas pessoais para os quais não consegue dar solução. Entre esses se encontra a culpa pela morte de Leli, a moça que abandonou para entrar na guerrilha.

Desse modo, Sem Medo, ao mesmo tempo em que caminha em direção ao seu ideal de eu, acaba por se defrontar com os problemas pessoais que procura ignorar pela via do recalque. Entre esses estão a sua história com Leli (da qual sempre se lembra a cada momento em que precisa se mobilizar para um combate corporal), e a sua história com João.

A rivalidade entre os antigos amigos atinge seu ápice quando João, aproveitando-se da ausência temporária de Sem Medo, assume o lugar de comando da base em um novo confronto com os portugueses. Sem Medo, mesmo sabendo que seu lugar lhe fora tirado por João, ao saber que o “miúdo” corria perigo, acaba por se juntar ao grupo e morre para salvar o “filho” que o havia desafiado. A ação de Sem Medo salva João da morte certa ao mesmo tempo em que confere ao destemido comandante o lugar de herói.

Assim, podemos ver na atitude de Sem Medo uma espécie de renúncia, já que o Comandante prefere, ao entregar-se à morte, seguir um ideal de eu da infância a se confrontar com os problemas pessoais que não consegue recalcar, mesmo em meio aos conflitos bélicos.

Escrevendo a história dessa guerra com seu próprio corpo, Sem Medo se torna um herói da guerra angolana, mas sua morte simboliza também uma desistência.

A guerra de Angola ocorrida na segunda metade do século XX mobilizou um sem-número de pessoas entre portugueses e angolanos que tiveram suas vidas viradas ao avesso por conta dessa terrível experiência.

António Lobo Antunes e Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos (Pepetela) viveram essa guerra, sobreviveram à morte e produziram sobre esse acontecimento romances nos quais encontramos algo de autobiográfico.

Exatamente como o autor Lobo Antunes, o médico psiquiatra da trilogia de guerra é identificado como António, em pelo menos duas passagens da trilogia, participou da guerra de Angola e, ao retornar a Portugal, trabalhou como médico psiquiatra no Hospital Miguel Bombarda. Quanto ao autor angolano Pepetela, embora o rastro autobiográfico seja menos visível, em *Mayombe* encontramos na história do Comandante Sem Medo alguma similitude com a história do autor do romance. Sem Medo ingressa na guerra, após ter estudado em Portugal, exatamente como Pepetela que viveu na Casa do Estudante do Império, em Lisboa, na década de sessenta, antes de aderir à luta armada integrando-se ao MPLA. A crítica que Sem Medo faz ao movimento do qual participa parece refletir a crítica que o autor do romance faz em obras mais recentes como *O desejo de Kianda*, por exemplo. Aliás, essa crítica possivelmente levou Pepetela a se afastar dos centros de decisão política, anos depois de ter participado ativamente do governo angolano após a independência.

No entanto, enquanto os autores, após terem sobrevivido à morte, instados pelo desejo, investem na escrita, o mesmo não acontece com seus personagens que, por razões diversas, vão ao encontro da morte – seja ela simbólica, como na trilogia de Antunes, seja ela efetiva, como em *Mayombe*. Ao se entregarem à morte, os personagens das referidas obras descartam o desejo e optam pelo gozo. Na desistência dos personagens está implicada a experiência da guerra em Angola e como esse acontecimento se inscreveu em suas histórias pessoais.

Assim, se encontramos nesses romances um discurso português e um discurso angolano sobre a guerra em Angola, é inegável que eles transcendem essa especificidade. Ao falar da guerra, os escritores focalizam o que é propriamente humano: a dor do homem diante do real da morte. E ela – a morte – se converte ainda para os personagens desses romances em outras mortes: morte do desejo, morte dos ideais, morte das ilusões. Num tempo marcado por grandes conflitos bélicos, como foi o nosso século XX, os autores produzem discursos nos quais os estilhaços da guerra se fazem presentes. E para além dos estilhaços, as perguntas e respostas que formulam nos devolvem, de algum modo, a condição humana que se fundamenta no desejo de saber.

Referências

Obras

ANTUNES, António Lobo. Conhecimento do inferno. 11.ed. Lisboa: Dom Quixote, 1999.

_____. Os cus de Judas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

_____. Memória de elefante. 19. ed. Lisboa: Dom Quixote, 2000.

CAMÕES, Luís de. Os lusíadas. Porto: Figueirinhas, 1978.

PEPETELA. A geração da utopia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

_____. Mayombe. São Paulo: Ática, 1982.

Estudos

FERREIRA, Nadiá Paulo. Amor, ódio e ignorância. Literatura e psicanálise. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos Livraria e Editora, Contra Capa Livraria, 2005.

_____. Psicanálise e literatura: o amor e suas versões. Tese de titular de Literatura Portuguesa da UERJ (cópia impressa). Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

FREUD, Sigmund. Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, [s.d.].

LACAN, Jacques. O Seminário, livro 1 – Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

_____. O Seminário, livro 2 – O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.